

WILLIAM
SHAKESPEARE

Romeu e Julieta

Tradução e notas de
JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

Introdução de
ADRIAN POOLE



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Companhia das Letras
Copyright da introdução © 2005 by Adrian Poole

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Romeo and Juliet

PREPARAÇÃO
Ana Lima Cecílio

REVISÃO
Jane Pessoa
Clara Diament

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shakespeare, William, 1564-1616.

Romeu e Julieta / William Shakespeare; tradução e notas de José Francisco Botelho; introdução de Adrian Poole. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

Título original: Romeo and Juliet.
ISBN 978-85-8285-040-4

1. Shakespeare, William, 1564-1616. 2. Teatro inglês I.
Título.

16-06097

CDD-822.33

Índice para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura inglesa 822.33

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Adrian Poole	7
Nota sobre a tradução	49
A MUI EXCELENTE E LAMENTÁVEL TRAGÉDIA DE ROMEU E JULIETA	59
<i>Notas</i>	189

A mui excelente
e lamentável tragédia
de Romeu e Julieta

Personagens

Éscalo, PRÍNCIPE de Verona

MERCÚCIO, parente do príncipe e amigo de Romeu

PÁRIS, um jovem conde, parente do príncipe
e de Mercúcio, pretendente de Julieta

PAJEM de Páris

MONTÉQUIO, chefe de uma família veronense inimiga
dos Capuletos

SRA. MONTÉQUIO

ROMEU, filho de Montéquio

BENVÓLIO, sobrinho de Montéquio e amigo de Romeu
e de Mercúcio

ABRAÃO, criado de Montéquio

BALTASAR, criado de Montéquio, encarregado
de servir Romeu

CAPULETO, chefe de uma família veronense inimiga
dos Montéquios

SRA. CAPULETO

JULIETA, filha de Capuleto

TEOBALDO, sobrinho da sra. Capuleto

Um FÂMULO

PRIMO CAPULETO, um velho membro da família Capuleto

A AMA, mãe de criação de Julieta

PEDRO, criado de Capuleto, encarregado de servir a Ama

SANSÃO
GREGÓRIO
BOBO
CRIADOS

da casa dos Capuletos

FREI LOURENÇO, um franciscano

FREI JOÃO, um franciscano

Um HERBANÁRIO de Mântua

RABEQUISTA e MÚSICOS

(Simão das Liras, Hugo Rabecão, João das Almas)

Membros da GUARDA

CIDADÃOS de Verona

Mascarados, portadores de tochas, pajens, serviçais

CORO

O prólogo

Entra o Coro.

CORO Duas casas de fortuna, iguais em dignidade,
Lá na bela Verona, o palco desta ação,
Por um rancor antigo, em nova hostilidade
Irrompem, derramando, irmãos, o sangue irmão.
5 Das vísceras fatais, da inimizade dura,
Ao mundo vem um par de amantes desditosos,
Que, ao preço de sua vida, em vária desventura,
Põem fim à longa guerra e aos lances rancorosos.
O fado desse amor, marcado pela morte,
10 A fúria dos seus pais, e os ódios mais extremos,
E a paz que decretou a dolorosa Sorte,
Nas horas deste palco agora encenaremos.
Vossa atenção eu rogo à história que começa;
O que o resumo cala, encontrareis na peça.

Sai.

Ato I

CENA I

Entram Sansão e Gregório, ambos da casa de Capuleto, armados com espadas e broquéis.

SANSÃO Gregório, hoje ninguém nos pisa os calos.

GREGÓRIO Ninguém; não somos pintos nem calouros.

SANSÃO Se alguém cacarejar, eu puxo a espada.

GREGÓRIO É um dia a força puxa teu pescoço...

5 SANSÃO Não brinco: estando bravo, eu bato forte.

GREGÓRIO Tua braveza está mais para bravata.

SANSÃO Se um cão Montéquio ladra, eu viro bicho.

GREGÓRIO Ou seja, te abichornas; e, abichado, sais gritando qual bicho apavorado.

10 SANSÃO É de ódio que grito, ao ver um vil Montéquio. Os homens e as mulheres daquela casa me dão nos nervos.

GREGÓRIO Isso prova que és covarde; pois um homem valente tem nervos de aço e nunca dá gritinhos.

15 SANSÃO De fato; e as moças, pra não ficarem nervosas, precisam levar ferro de vez em quando. Pretendo ferrar os Montéquios no meio da barriga; e as Montéquias, um pouco mais embaixo.

GREGÓRIO Essa rixa é entre homens.

20 SANSÃO Dá na mesma. Vou agir como um tirano. Primeiro, vou lutar contra os varões; quando chegar a vez das donzelas, serei um cavalheiro: ou seja, vou arrancar a cabeça delas.

GREGÓRIO A cabeça das moças?

SANSÃO A cabeça, o cabaço; entende no sentido que te agrade.

25 GREGÓRIO Nas moças, o sentido é sempre duplo.

SANSÃO O sentido é ficarem sentadas, enquanto meu ferro estiver de pé; e todos sabem que tenho um belo pedaço de carne.

30 GREGÓRIO Espero que seja vermelha; se for branca, tem mais jeito de sardinha que de peixe-espada. Ah, hora de mostrar a lâmina! Aí vêm dois sujeitos da casa dos Montéquios.

Entram Abraão e outro criado da casa de Montéquio.

SANSÃO Meu ferro está de fora! Avante! Serei teu guarda-costas!

35 GREGÓRIO O quê, meu vira-bostas?

SANSÃO Não viro coisa nenhuma.

GREGÓRIO Temo que vires, às vezes.

SANSÃO Vamos agir nos preceitos da lei. Deixa que eles comecem a briga.

40 GREGÓRIO Vou fazer uma careta ao passar por eles; que interpretem do jeito que quiserem.

SANSÃO Vejamos se têm coragem. Vou morder o polegar pra eles; se aguentarem quietos, será um vexame.

Morde o polegar.

ABRAÃO Mordeste o polegar pra nós, senhor?

45 SANSÃO Mordi meu polegar, sim, cavalheiro.

ABRAÃO Mordeste o polegar *pra nós*, senhor?

SANSÃO (*à parte para Gregório*) Se eu disser “sim”, a lei fica ao nosso lado?

GREGÓRIO (*à parte para Sansão*) Não.

50 SANSÃO Não, senhor, não mordi o polegar para vocês. Mas mordi meu polegar, de qualquer forma.

GREGÓRIO Quer brigar, senhor?

ABRAÃO Brigar, senhor? Não.

SANSÃO Mas, se quiser, estou ao seu dispor. Meu mestre vale
55 tanto quanto o seu.

ABRAÃO Mas não vale mais.

SANSÃO Bem, senhor.

Entra Benvólio.

GREGÓRIO (*à parte para Sansão*) Diz que o nosso vale mais.

Aí vem um parente do meu amo.

SANSÃO Meu mestre vale mais, senhor.

60 ABRAÃO Mentira.

SANSÃO Às armas, se são homens! Dá de talho, Gregório!

Lutam.

BENVÓLIO (*golpeando as espadas dos criados*) Baixem as
armas, tolos!

Pra trás, vocês não sabem o que fazem!

Entra Teobaldo.

TEOBALDO Sacaste a espada pra assustar lacaios?

65 Aqui, Benvólio! Encara a tua morte!

BENVÓLIO Estou mantendo a paz. Abaixa a espada,

Ou me ajuda a apartar esses brigões.

TEOBALDO Falas em paz, de espada à mão? Odeio

A paz, o inferno, a casa dos Montéquios

70 E a tua cara, pulha! Agora, em guarda!

Lutam.

*Entram um Capitão da Guarda e vários Cidadãos, armados
de partasanas, alabardas e cassetetes.*

CIDADÃOS Partasana e alabarda, ataquem, batam!

Abaixo os Capuletos! Danem-se os Montéquios!

Entram Capuleto, de camisola, e esposa.

CAPULETO Mas que barulho é esse? Ah, meu montante!

SRA. CAPULETO Montante? Vai pegar é tuas muletas!

Entram Montéquio e esposa.

75 CAPULETO O vil Montéquio está de adaga erguida

Só para me irritar! Meu espadão!

MONTÉQUIO Capuleto vilão! — *(para a esposa)* Não me se-
gures!

SRA. MONTÉQUIO Não vou deixar que vás meter-te em brigas!

Entra o príncipe Éscalo, com séquito e soldados.

PRÍNCIPE Inimigos da paz, rebeldes súditos,

80 Que profanam com sangue irmão as armas!

Não querem escutar? Ó bestas-feras,

Que apagam os vulcões da fúria insana

Nas fontes carmesins das próprias veias,

Sob pena de tortura, larguem já

85 Essas armas de têmpera ruinosa.

Três vezes, por palavras levianas,

Tu, Capuleto, e tu, velho Montéquio,

Perturbastes as ruas de Verona,

Forçando nossos velhos cidadãos

90 A despir seus solenes paramentos

E empunhar velhas facas em mãos velhas

— Que o hábito da paz tornou disformes —

Para apartar disputas deformadas.

Mais *uma* briga, e pagareis co'a vida.

95 Por agora, que o resto já debande.

Tu, Capuleto, ordeno: vem comigo;

E tu, Montéquio, vem durante a tarde,

Para saber as nossas decisões,

No Burgo Livre, o antigo tribunal.

100 E sob pena de morte, os outros todos
Debandem, vão pra casa, agora, já!

Saem todos, exceto Montéquio, sua esposa e Benvólio.

MONTÉQUIO Quem deflagrou de novo a velha rixa?

Fala, sobrinho. Estavas por aqui?

BENVÓLIO Vi dois servos da casa adversária

105 Lutando com teus homens, mano a mano.

Saquei, para apartá-los. Nesse instante,

O esquentado Teobaldo, espada em riste,

Veio gritando insulto aos meus ouvidos,

Rodopiando a espada, a cortar ventos.

110 E o vento, invulnerável, só silvava

Em desprezo aos seus golpes. Nós lutamos

Com talhos e estocadas; muita gente

Correu a ajudar um, ajudar outro;

E o príncipe então chega e aparta todos.

115 SRA. MONTÉQUIO Ó, Romeu, onde estás! Alguém me diga!

Felizmente, não se meteu na briga.

BENVÓLIO Madame, o sacro sol ainda tardava

Uma hora a surgir no leste fulvo,

Quando a mente inquieta fez-me andar

120 Aos ermos; lá, num bosque de sicômoros,

Que se estende a oeste da cidade,

Tão cedo andando, ao vosso filho vi;

Quando eu lhe fui no encalço, ele afastou-se,

Arisco, mergulhando na floresta.

125 Julguei o seu humor pelo meu próprio:

As almas cismarentas andam sós.

Deixei-o em paz, com mente apaziguada:

De bom grado evitei quem me evitara.

MONTÉQUIO Manhãs sem conta, é visto nesses ermos,

130 Com seu pranto adensando o fresco orvalho,

E erguendo aos céus mil nuvens de suspiros.

Porém, assim que o jubiloso Sol

- Começa a erguer, lá nos confins do Leste,
 O véu sombrio do leito da Alvorada,
 135 Meu pesaroso filho foge à luz,
 Em seu quarto se encerra e expulsa o dia,
 Trancafiando portas e janelas,
 Forjando-se uma noite artificial.
 Tão negro humor promete algo infeliz;
 140 Que o bom conselho arranque-lhe a raiz.
 BENVÓLIO Conheceis a raiz, meu nobre tio?
 MONTÉQUIO Não conheço, e Romeu não me diz nada.
 BENVÓLIO Perguntastes, meu tio, o que o perturba?
 MONTÉQUIO Perguntei, e mil outros perguntaram.
 145 Mas ele, confidente de si mesmo,
 — Não sei se confidente franco ou falso —
 De sua alma é tão íntimo e ciumento,
 Tão avesso ao inquérito e à sondagem,
 Quanto a flor que invejoso verme ataca
 150 Antes que o broto expanda as doces folhas
 E exponha à luz do sol sua beleza.
 Onde vem tal tristeza opaca e dura?
 Quiséramos saber — e achar a cura.

Entra Romeu.

- BENVÓLIO Lá vem ele! Afastai-vos um momento:
 155 Tentarei decifrar o seu lamento.
 MONTÉQUIO Espero que convenças teu amigo
 A abrir a alma. Dama, vem comigo.

Saem Montéquio e esposa.

- BENVÓLIO Bom dia, primo.
 ROMEU Dia? Ainda é tão cedo?
 BENVÓLIO Nove horas.
 ROMEU A tristeza alonga o tempo.
 160 É meu pai quem lá vai, com tanta pressa?

BENVÓLIO O próprio. O que te alonga as horas, primo?

ROMEU Não ter o que as faria leves, curtas.

BENVÓLIO Enamorado?

ROMEU E mal-amado.

165 BENVÓLIO Por quem?

ROMEU Por aquela que ignora meu amor.

BENVÓLIO Ah, cego Amor, que se acha cordial,

Mas na prática é um déspota brutal!

ROMEU Ah, cego Amor vendado! Até sem ver

170 Encontra o alvo, acerta e faz sofrer!

Bem — vamos almoçar? E o que houve aqui?

Não me diga. Já sei. Tudo conheço.

Aqui o ódio fervilha e o amor lampeja.

Amor briguento, ah, ódio enamorado!

175 Ah, Tudo, que do Nada foi criado!

Sérias vaidades, lúgubres levezas.

Oh, deformado caos de formas belas,

Pluma de chumbo, labareda fria,

Saúde enferma, escuridão que brilha,

180 Sonâmbulo desperto, um ser não sendo...

— Não amo amar, mas amo e vou sofrendo.

Tens vontade de rir?

BENVÓLIO Não; de chorar.

ROMEU Chorar? Por quê?

BENVÓLIO Por ver-te em tanta dor.

ROMEU Eis o crime do amor.

185 Já trago, em minha alma triste, mil lamentos;

Não vás multiplicar tristeza e sofrimentos

Somando à minha dor a tua. Sei que me amas,

Mas teu amor em minha pena atija as chamas.

O amor é fumo aceso em ventos suspirantes;

190 Se satisfeito, brilha — um fogo entre os amantes;

Negado, vira um mar de tormentoso pranto.

E o que mais é o amor? Discreta insanidade;

É fel que engasga o peito e é doce amenidade.

Adeus, meu primo.

- BENVÓLIO Espera! Eu quero ir contigo.
 195 Não me deixes pra trás, se és mesmo meu amigo.
 ROMEO Já deixei a mim mesmo. Já parti.
 Romeu se foi e está longe daqui.
 BENVÓLIO Sem divagar, Romeu: por quem suspiras?
 ROMEO Gostas de ouvir lamúrias?
 BENVÓLIO Não! Mas diz,
 200 Sem divagar: quem amas?
 ROMEO Pedir que um moribundo não divague!
 Pedes clareza a quem já nada sabe.
 Sem divagar, então: amo uma moça.
 BENVÓLIO Acertei, nesse caso, bem na mosca.
 205 ROMEO És bom arqueiro. E minha amada é bela.
 BENVÓLIO Belos alvos demandam fortes flechas.
 ROMEO Agora, erraste: a bela não será flechada.
 Às setas de Cupido escapa, e está armada,
 Como Diana, em castidade forte e pura
 210 — O arco tolo do Amor não rompe essa armadura.
 Jamais se rende ao cerco aflito dos suspiros,
 Nem se entrega à investida ansiosa dos olhares,
 Tampouco abre seu peito ao ouro sedutor.
 Mesmo rica em beleza, é pobre, a minha bela:
 215 Pois seu belo tesouro há de morrer com ela.
 BENVÓLIO Jurou ser casta, então — chamando o amor de
 vício?
 ROMEO E sendo assim frugal, comete um desperdício.
 A beleza, faminta, enfrenta sorte dura,
 Cortada para sempre às gerações futuras.
 220 Ah, tão bela e tão sábia! Ah, voto tão severo!
 Com beata virtude, afunda-me no inferno.
 Jurou jamais amar; e, nesse juramento,
 Tornou-me um morto-vivo, em vivo sofrimento.
 BENVÓLIO Esquece-a, então, e pensa noutras coisas.
 225 ROMEO Como posso pensar, sem pensar nela?
 BENVÓLIO Libertando teus olhos, meu amigo.
 Contempla outras belezas.

ROMEU

Se o fizesse,

Veria que ela a todas sobrepuja.

A máscara que cobre um belo rosto

230 Faz mais bela a beleza que se oculta.

Quem perde a vista acaso um dia esquece

O tesouro perdido da visão?

Mostra uma dama simplesmente bela

E te direi que ela é como um lembrete,

235 Lembrando-me daquela que a supera.

Não podes me ensinar a esquecer-la.

BENVÓLIO Ensinarei, ou morrerei tentando.

Saem.